

MAGALHÃES. Aline Montenegro. *Culto da saudade na Casa do Brasil*. Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2006 (Coleção Outras Histórias, vol.49).

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira
Mestra em História Social
Universidade Federal do Ceará

Os museus históricos no Brasil surgiram num momento em que se buscava consolidar o projeto de uma História Nacional, iniciado ainda no século XIX, mas que ganhou novo fôlego em 1922, por conta das comemorações do centenário da independência. Nesse mesmo ano, são criados o Museu Histórico Nacional (MHN) no Rio de Janeiro e o Museu Paulista, ambos como resultado das festividades da independência. A administração do MHN é confiada, pelo presidente Epitácio Pessoa, ao cearense Gustavo Barroso, historiador, folclorista e idealizador do Museu, que via na criação da instituição uma saída para a preservação do passado que se perdia diante da dinâmica das transformações daquele período.

O livro que ora apresento, intitulado *Culto da saudade na Casa do Brasil*, foi escrito com base no primeiro capítulo da dissertação de mestrado da historiadora Aline Montenegro Magalhães, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004. Nesse trabalho, a pesquisadora se propõe a analisar a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), assim como as políticas de construção da memória nacional idealizadas durante a permanência de Gustavo Barroso a frente da instituição.

Aline Magalhães parte da idéia de que através da análise das exposições do MHN é possível perceber as concepções de Barroso em relação à história e à finalidade dos museus históricos. O diretor não contou com qualquer equipe de especialistas para a montagem das primeiras exposições permanentes do Museu, tendo ele próprio realizado tal tarefa, definindo temas, recortes, selecionando e distribuindo as peças do acervo. A autora considera que a primeira escrita da história de autoria barroseana foi produzida nas salas de exposição do MHN, a partir daquilo que Barroso definia como digno de ser exposto num museu histórico.

Através de um texto bem articulado, a autora vai tecendo suas reflexões em torno das ações de Barroso enquanto diretor do MHN e da sua tentativa de escrever, nas salas do Museu, uma história do Brasil vinculada à valorização do passado, com o intuito de instruir a população sobre a importância de se exaltar os fatos e as perso-

nalidades consagradas de nossa história. Dessa forma, o Museu contribuiria para a sacralização do passado, utilizado como parâmetro para a construção de um sentimento nacional e para a moralização de uma sociedade digna.

A autora discorre sobre a preocupação de Gustavo Barroso em resgatar o passado da nação diante das intensas transformações ocorridas no início do século XX, resultantes do intenso desenvolvimento do capitalismo que provocou fortes mudanças nos hábitos e no cotidiano da população dos grandes centros urbanos, modificando, inclusive, o tipo de relação que essas pessoas estabeleciam com o tempo, onde o anseio pelo moderno ameaçava os valores tradicionais da sociedade brasileira. Segundo Magalhães, foi esse intenso ritmo de mudanças que fez com que Barroso se preocupasse com a preservação do passado, colocada em prática através da formação do acervo e das exposições do MHN. Num período de tantas transformações, “o que estava em jogo (...) eram formas de estabelecer permanências diante das rupturas” (pág. 25).

O projeto historiográfico que vai se desenhando nas exposições do MHN está associado ao do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen. O historiador do IHGB fez sua interpretação da história do Brasil exaltando a figura do colonizador, que por sua superioridade em relação às demais raças que habitavam o país, teriam sobreposto a civilização em relação à barbárie. A influência de Varnhagen é percebida por Aline Magalhães através da análise das galerias do MHN, quando a autora pôde perceber a recusa da pluralidade da sociedade brasileira defendida pelos dois historiadores, onde a contribuição de negros e índios é insignificante diante da superioridade do homem branco.

Partindo dessa perspectiva, as exposições do MHN passaram a ser organizadas por Gustavo Barroso a partir da utilização de objetos considerados como provas fiéis de acontecimentos ou “personalidades” de nossa história, onde os “grandes homens” tinham sua memória imortalizada nas galerias do Museu. Esse modo de expor caracterizou, durante algum tempo, as exposições dos museus históricos no Brasil, onde membros da elite burguesa e aristocrática eram legitimados como os principais sujeitos sociais.

Aline Magalhães conclui que foi o MHN quem deu início ao que poderíamos chamar de “cientificação das práticas museológicas” no Brasil, ao criar em 1932 um curso técnico voltado para a formação de profissionais de museus. O projeto já estava previsto no decreto que criou o Museu em 1922, mas só dez anos depois foi efetivado como um departamento da instituição, então sob a direção de Rodolfo Garcia. Gustavo Barroso que dirigiu e lecionou no curso, elaborou em 1945 um manual intitulado *Introdução à técnica de museus*, dividido em dois volumes. O primeiro deles apresenta noções de organização, arrumação, catalogação e restauração, trazendo também noções de cronologia, epigrafia, bibliografia, diplomática e iconografia. O segundo volume trata da parte mais especializada, que consiste no conhecimento de técnicas necessárias para lidar com os diferentes tipos de acervos, como noções de heráldica, bandeiras, armaria, indumentárias etc. Além desses conhecimentos, os alunos também estudavam disciplinas como História Política e Administrativa do Brasil, Numismática, História da Arte, dentre outras.

Magalhães chama atenção para o fato de que as disciplinas ministradas no Curso de Museus eram direcionadas para o estudo específico do acervo presente no MHN, o que a faz pensar que o curso formava profissionais com o perfil para trabalhar nessa instituição e não em outros museus, já que o mesmo se voltava para os temas relativos aos seus objetos específicos. Porém, segundo ela, por ter sido o único curso na área de museologia existente no Brasil durante muito tempo, “acabou por conferir à profissão uma marca barroseana que se espalhará na prática museológica de museus Brasil a fora” (pág.80).

Gustavo Barroso e seu curso de formação passaram a ser referência na área de museus, traçando, de certa forma, as diretrizes de trabalho a serem implantadas nas instituições museológicas de todo o país. Junto com sua metodologia, iam sendo implantadas, também, as suas concepções em relação ao conhecimento histórico e às finalidades do Museu enquanto instituição formadora da sociedade. “Por intermédio dos objetos, entendidos como relíquias, tomava-se contato com os grandes feitos e os grandes vultos que deveriam ser cultuados e imitados para edificação de um futuro melhor” (pág.42). Para um historiador como Gustavo Barroso, que ignorava a pluralidade social e a contribuição de negros e índios no processo histórico, a importância dos museus históricos estaria no fato de serem o lugar ideal para a exaltação do passado através dos grandes homens, que deveriam ter suas ações continuadas no presente, em prol de um futuro promissor.

As análises de Aline Montenegro Magalhães atestam o caráter pedagógico atribuído, por Gustavo Barroso, ao Museu Histórico Nacional. Fosse através do romantismo característico da “tradição antiquária”, ou através da cientificação do fazer museológico, Barroso pretendia fazer do Museu a via de acesso ao passado, que funcionaria como um farol a sinalizar a marcha do devir.